

## **A causa final na psicanálise e na arte.**

*Silvana Pessoa. 31 de maio de 2008.*

Qual o tempo necessário à transformação de uma estrutura, seja ela de um bloco de mármore ou do sujeito em análise? Depende. Se o artista for muito perfeccionista, o processo de construção não acabará nunca. Se o analisando e o analista colocarem o final como um ideal, a resposta será a mesma. Se não há abandono da obra ou da análise - que serão considerados inacabados -, chegará o momento de concluir.

Nas artes, o momento de uma exposição ou publicação precipita a produção, mesmo que haja procrastinação durante todo o processo. Assim foi com Leonardo da Vinci, assim é com muitos escritores, pintores e escultores que trabalham com datas marcadas para a entrega da obra. Na psicanálise a pressa também é necessária para a conclusão. Entretanto, não se pode fixar uma data para a “finalização do produto”, pois não há produto final e uma antecipação desse tempo pode deixar o sujeito prisioneiro na sua própria repetição.

A duração de um processo psicanalítico precisa ser indefinida, pois não podemos prever o tempo necessário para compreender e o tempo que levará o alargamento das tramas discursivas, a (de)formação ou a destituição subjetiva. Mas é preciso verificar o que encontramos no percurso ou ao final de uma análise, após decorrido um tempo: a transformação do mesmo ou a emergência do novo?

Analisaremos o que as artes, particularmente na literatura e na música, podem nos ensinar a esse respeito.

Nem sempre, a um primeiro olhar de uma cena qualquer, se percebe a existência de algo novo: e, quando isso se dá, no instante seguinte tenta-se explicar, dar um nome, associá-lo a algo visto, inseri-lo num mundo das coisas

conhecidas. Busca-se reduzir o desconhecido, o que nos causa preocupação, ao familiar, ao “mesmo”, que nos acalma. Mas, com isso, lamentavelmente perde-se o novo.

Esse mecanismo também acontece na leitura: adquirimos o vício de não ler ou não ler direito. Buscamos no que lemos e no que escutamos, aquilo que tem relação com as nossas verdades. Inventamos, para nós mesmos, boa parte do fato. Somos todos inventores. Mas vemos e ouvimos o geral segundo as nossas verdades e perdemos o detalhe. Isso também pode ocorrer em algumas análises, quando não entendem a linguagem como causa do inconsciente.

Na psicanálise, temos familiaridade com os chistes que são importantes por terem a característica de uma escuta que capta o detalhe. Eles despertam prazer nos ouvintes, pelo seu jogo com as palavras e por estarem ligados a fontes reprimidas ou a hostilidades. Através da técnica de condensação acompanhada de um substituto, do *nonsense* ou o duplo sentido das palavras, nos vingamos do nosso inimigo ao trazemos o outro, um terceiro para rir do nosso lado. Naturalmente, alteramos a estrutura discursiva – é como abrir lugar para a emergência de algo diferente, algo novo.

Dar tempo para a coisa aparecer, deixar a coisa ser, sem pensarmos em nada, sem emitir parecer ou julgamento, deixar a coisa se mostrar é a orientação nesses campos; o da linguagem, da arte e da psicanálise, talvez particularmente no passe. Entretanto, nem sempre se consegue isso – um momento difícil de capturar, difícil de se apresentar e de passar.

Deixar as imagens irem e virem, sem julgar *a priori* – sentir o mundo sem tentar explicá-lo, mesmo que num segundo momento possamos rotulá-lo - o que é inevitável. Criar o silêncio, um espaço, um momento, entre esses dois tempos, para termos o aparecimento das coisas como recompensa – estrutura

de linguagem que possibilita a aparição do sujeito do inconsciente entre dois significantes.

A música de John Cage nos ensina a fazer isso na sua forma dadaísta de compor. Cage impõe, na sua obra, o uso deliberado do acaso, 'da indeterminação e da indistinção entre som estruturado e ruídos vindos da vida ordinária. Ele "[...] leva às últimas conseqüências seu projeto de crítica à racionalidade da música ocidental"<sup>1</sup>. Racionalidade que, ao contrário, tem uma ansiedade enorme de dizer, comentar, murmurar, remedar, expressar-se, buscar sentido – expressa nas estruturas dos romances, nas grandes sinfonias, nas falas dos analisandos.

"Todos querem através da palavra, e não do silêncio, provar que estão vivos"<sup>2</sup> e perdem a oportunidade de permitir que se instale um espaço para outras vozes irromperem. Um *horror a vacui*, expressão utilizada na era do renascimento, quando os pintores não deixavam um pedaço de sua tela sem cor, por menor que fosse o espaço, e os compositores criavam priorizando o sentido e os afetos – pensando em termos de progressão, expectativa e resolução.

Mas é no vazio que as coisas acontecem. ( ). A problematização que queremos introduzir com este trabalho é investigar a capacidade de criação de um significante novo no percurso ou no final de análise, ou seja, de um novo saber que colocamos nesse vazio, da nossa capacidade de depor nosso julgamento e deixar os sons serem eles mesmos, como nos aponta Cage na conjugação da sua "gramática da desafeccão"<sup>3</sup>. Gramática, que podemos aproximar do analista, como alguém "não afetado" pelas paixões ou ignorância.

---

<sup>1</sup> Safatle, V. *Destituição subjetiva e dissolução do eu na obra de John Cage*. In. *Sobre arte e psicanálise* / orgs; Tânia RIVERA e Vladimir SAFATLE – São Paulo: Escuta, 2006, p. 177.

<sup>2</sup> Marcondes, C. *Perca tempo: é no lento que a vida acontece*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 570.

<sup>3</sup> Safatle, opus cit. p.182.

O movimento de dialética que uma psicanálise instaura, “não determina somente o sujeito, à sua revelia (...), mas o constitui numa ordem que só pode ser excêntrica em relação a qualquer realização da consciência de si”.<sup>4</sup> Os analistas, que fazem parte desse movimento - e para quem se dirige a fala -, devem aprender a “agir com a linguagem como se faz com o som: seguir a velocidade dela para romper o seu muro”<sup>5</sup>, muro que lhe é próprio e passar esse *modo de funcionamento* ao analisando, transmitindo-lhe, com isso, a psicanálise .

Rapidez exigida para antecipar-se às defesas do sujeito, às crenças que esse sujeito se apega na civilização e constituem uma variedade de delírio. É preciso seguir a velocidade própria da linguagem para que possa emergir o desejo, captado pela brincadeira do *Fort-Da*, mas que o sujeito faz abolir, desaparecer cem vezes, para poder vê-lo aparecer novamente, nas repetições que voltam para ser elaboradas.

Para adquirir essa prática, convém não nos enganarmos com regras, modas e proibições presentes em todos os lados, principalmente nas instituições. Risco que sempre corremos.

Lacan sugere que os analistas abram os ouvidos para as canções populares e para os maravilhosos diálogos de rua.<sup>6</sup> Sugestão que aponta para um aspecto que nunca engana: que toda sabedoria é um *gaio* saber, desde que o homem começou a enfrentar o seu destino, como ele diz.

Uma linguagem que subverte, canta, instrui e ri, um *gaio* saber. Alimentam-se dessa tradição, para citar alguns: Joyce, Machado de Assis, Rabelais, esse último representante da sátira menipéia<sup>7</sup>, gênero literário que

---

<sup>4</sup> Lacan, J. Discurso de Roma (1953). In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.145.

<sup>5</sup> *ibid.*, p.167.

<sup>6</sup> *ibid.* p. 152.

<sup>7</sup> A sátira menipéia deve seu nome a Menipo, que escreveu sátiras com intenso interesse pelas palavras e pela linguagem. Nesse gênero o peso cômico é preponderante, assim com a liberdade de invenção filosófica e temática, liberdade que não aceita restrições de ordem histórica ou temporal aliada a falta de restrição espacial. (Oliver, E. V. *Rabelais e Joyce: três leituras menipéias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

destaco nesse trabalho porque consiste em produzir um tipo particularmente fragmentário de narrativa e incluir particularidades que, quando não detectadas ou bem analisadas, são geralmente consideradas como aberrações ou irregularidades, que aproximamos da estratégia de desconstrução do mesmo ou emergência do significante novo<sup>8</sup> proposto por Lacan.

Tanto a psicanálise, como a obra de Rabelais, convidam os analisandos ou leitores a realizarem eles mesmos a tarefa de procurarem a sua própria sabedoria. A *pedagogia rabelaisiana* e lacaniana ensinam que se devem dissolver as fórmulas, as idéias recebidas e, no lugar delas, desenvolver-se um espírito crítico, ampliar a trama discursiva, aquela em que *todos estamos peados*.

Pantagruel, personagem criado por Rabelais acolhe no Terceiro Livro<sup>9</sup> a angústia de Panurge - que tal como um neurótico obsessivo buscava garantias do futuro e procrastinava a decisão de contrair matrimônio. Pantagruel acolhe o que vem do outro, por saber que existe igualdade na imperfeição - situação essencialmente humana, que jamais deve ser pretexto para a intolerância.

Pantagruel, tal como os analistas, sabe a limitação e a incapacidade de adaptação que as viseiras das idéias feitas tendem a impor aos seres humanos, que através da psicanálise, literatura e/ou das artes procuram minimamente libertar-se.

“Tudo o que impede a multiplicidade da realidade, da constante descoberta do mundo são vícios. É essa forma de estupidez que se apresenta em Panurge. Sua obsessão em não aceitar as verdades e as mudanças da vida fazem com

---

<sup>8</sup> Lacan, J. Seminário 24 - *L'insu-que-sait de l'une-unbevue s'aile à mourre* - aula de 17/05/77 – rumo a um significante novo. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller, traduzido por Jairo Gerbase em 01/02/99 e revisado em 17/05/99.

<sup>9</sup> Rabelais, François. *O terceiro livro dos fatos e ditos heróicos do bom Pantagruel*; tradução, introdução, notas e comentários Elide Valarani Oliver – Cotia, SP: Atelê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

que o próprio curso dessa se repita incessantemente  
dizendo-lhe sempre a mesma verdade”.<sup>10</sup>

Qual a verdade em questão? Para a filosofia de Pantagruel: casar ou não casar dá no mesmo. Crer ou não crer dá no mesmo, já que, para Rabelais e vários outros vivemos num lusco-fusco da consciência, nunca certos de quem somos ou supomos ser, há sempre um erro cujo ângulo não sabemos.<sup>11</sup> Estamos falando de autores que ensinam sobre o *indecidível*, sobre a impossibilidade de fazer uma escolha, acertada, sem dúvidas, baseado no por vir – a psicanálise segue o mesmo trilho.

Panurge tem dúvidas deve casar-se, pois teme ser traído pela esposa. Nada do que lhe digam o convence que deve seguir o seu desejo. O que quer que se diga, já foi. Para Rabelais, melhor mesmo que se esqueça. Pessoa diz<sup>12</sup> que, depois que escreve, já não mais se reconhece, e Lacan, que os significantes que nos são dados do Outro, apesar de terem diversas combinatórias, seguem um determinado padrão e estrutura, representantes do mesmo, que, ainda assim, nos causam estranheza.

Na verdade, não há a opinião verdadeira e única: já que há paradoxos. Não vale confrontar, desafiar as coisas. Resta-nos, ao final, respeitá-las no seu tempo com humor, valorizando os chistes e tropeços da linguagem na clínica, com a certeza que há o *indecidível* demonstrado por Rabelais, assim como os mundos simultâneos e mundos impossíveis, representados por Escher; ou, na música criada por John Cage, formas possíveis do fim, que podem vir em socorro e *transformar* algo do *mesmo* (transformação inerente à própria estrutura de linguagem) em um *significante novo* - que pode emergir do silêncio, no vazio entre dois significantes durante todo o processo e também no final.

---

<sup>10</sup> Ibid. p. 150.

<sup>11</sup> Pessoa, F. *O livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa/ Fernando Pessoa; organização Richard Zenith – São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 95.

<sup>12</sup> Ibid. 95.